



Meu amigo Trovão

SONIA RODRIGUES

Ilustrações
Simone Matias

**Livro do
Professor**

**Responsáveis
pelo Material:**

Ninfa Parreiras
Márcia Mota

tt
Duetto

Direitos de edição em língua portuguesa adquiridos pela Ediouro Duetto Editorial Ltda. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Ediouro Duetto Editorial Ltda.
Rua Candelária, 60, GRP 701 a 714 - Centro
Rio de Janeiro/RJ - 20091-020

Direção editorial: Daniele Cajueiro
Editoras responsáveis: Luana Luz e Mariana Elia
Produção editorial: Adriana Torres, Bárbara Anaissi e Laura Souza
Copidesque: Sol de Mendonça
Projeto gráfico: Larissa Fernandez
Diagramação: Henrique Diniz

**Material Digital de Apoio à Prática do Professor que
acompanha o Livro do Professor da obra *Meu amigo
Trovão*, 1ª edição.
Márcia Mota; Ninfa Parreiras.
Rio de Janeiro: Duetto, 2021.**

Título:	Meu amigo Trovão
Autora:	Sonia Rodrigues
Ilustradora:	Simone Matias
Temas:	Família, amigos e escola; O mundo natural e social
Gênero literário:	Conto, crônica, novela
Categoria:	1º ao 3º ano

SUMÁRIO

1. Carta ao professor	5
A autora	6
A ilustradora	7
O gênero	8
O papel da literatura e a importância da leitura literária	8
2. Propostas de atividades em sala de aula	10
Introdução das atividades	11
Atividades pré-leitura	12
Atividades durante a leitura	13
Atividades pós-leitura	15
Para além do livro	18
3. A leitura do livro sob a perspectiva da literacia	20
4. Bibliografia comentada	23
5. Referências bibliográficas	28
6. Sobre as responsáveis pelo Material	29

1. CARTA AO PROFESSOR

Meu amigo Trovão é a história de um menino e de seu cachorro. O grande valor desta obra está refletido na linguagem verbal e no enfoque dado ao garoto que possuía um cão. Tudo isso parece simples, mas é aqui tratado com delicadeza e minúcias. Temos o ponto de vista da infância sobre a relação de um menino com um animal. E ainda as impressões desse personagem sobre a rotina, a família, a escola, as viagens, as mudanças, o mundo adulto, os sentimentos que brotam dessa relação genuína e particular.

O leitor poderá se sentir sentado ao lado desse narrador-contador da história e acompanhar, com os olhos e a imaginação, suas aventuras e seus deslocamentos. A amizade, a confiança e o cuidado são valores presentes na história que podem ser aprofundados nas aulas pelo professor. É oportuno incluir as famílias, verificar se as crianças têm parentes distantes, próximos, como os avôs, se possuem um animal de estimação. Se os avôs e os tios e primos moram próximos, e que histórias de família teriam para contar, numa prática da **literacia familiar**, envolvendo narrativas e os familiares das crianças.



Este é um conto que mostra uma realidade rural, no Nordeste brasileiro. E uma outra realidade urbana, após a mudança da família. Como lidar com a separação, com a mudança, com a falta, com a saudade? Essa narrativa fala sobre isso e nos proporciona pistas para pensarmos sobre esses valores e acontecimentos na vida das pessoas.

Com a leitura, nos deparamos com a vida familiar, a relação com o animal de estimação, o mundo dos avôs e a rotina que nos absorve e nos tira os bons encontros e as surpresas. Por isso tudo, a obra se inscreve nos temas **Família, amigos e escola** e **O mundo natural e social**.

O psicanalista húngaro Sándor Ferenczi (1992) desenvolve, no ensaio “Confusão de língua entre os adultos e a criança”, o confronto entre duas “línguas” que teriam origem e características distintas. Haveria uma *confusão* promovida por conta de uma dissimetria entre o mundo do adulto e o mundo da criança. Para tanto, o psicanalista resgata o valor das brincadeiras das crianças, com o olhar e o ponto de vista infantil.

Dentro dessa perspectiva, em uma produção literária para a infância, haveria sempre alguma confusão de línguas se o adulto impusesse seu olhar repressor e moralista nas histórias criadas para os livros infantis. Na obra **Meu amigo Trovão**, o ponto de vista do narrador-personagem é salutar, o que dissolve essa possível confusão. Na história está preservado o sentimento da infância.

As **ilustrações** são um capítulo à parte, primam por tomadas ricas em expressões, tanto nas cenas, quanto nas pessoas. Elas nos levam a pensar para além do texto. O livro poderá ser trabalhado a partir de temas e a partir da linguagem verbal e das imagens.

São ilustrações vivas e dinâmicas. E nos envolvem para contar outras coisas que não estão na linguagem verbal. Parecem a sequência de um filme, de um sonho que fala sobre menino-cachorro-menino. Há alternância entre as páginas de texto ilustradas, e outras com ilustrações somente. Isso imprime um ar de leveza e de confiança. Como se o leitor fosse cúmplice do narrador-personagem. Há uma frase célebre da obra *Alice no País das Maravilhas*, do autor inglês Lewis Carroll, que nos leva a pensar no poder e na função das ilustrações de um livro para a infância. É uma fala da personagem Alice:

Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado da irmã na ribanceira, e de não ter nada que fazer; espiara uma ou duas vezes o livro que estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos, "e de que serve um livro", pensou Alice, "sem figuras nem diálogos?" (Carroll, 2002)

Na verdade, é uma pergunta de Alice que reflete o sentimento de tantas crianças diante de um livro. As ilustrações são uma linguagem que conversa com o texto; brinca e pode deslocar ainda mais o olhar do leitor para a fantasia e toda a sorte de criatividade.

A AUTORA

Sonia Rodrigues nasceu em 12 de setembro de 1955, na cidade do Rio de Janeiro, onde mora até hoje. Ela desenvolveu um jogo de criar histórias a partir de sua tese de doutorado em *Roleplaying Game*. Foi com *Autoria*, que pode ser jogado individualmente ou em grupos de até sete pessoas, que ela escreveu a coleção *Reconstruir* (novelas que atualizam os clássicos mitos universais).

É escritora, jornalista, roteirista de cinema e TV e doutora em literatura pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). Tem obras publicadas em diferentes editoras e criou a plataforma de escrita criativa www.almanaquedarede.com.br. Entre outros livros, escreveu *Atentado*, premiado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), na categoria Jovem em 1995; a trilogia juvenil *O retorno de Emília*, importante intertextualidade com a obra do patrono da literatura infantil, Monteiro Lobato. Fez pós-doutorado em Literatura e Interdisciplinaridade pelo Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Produtos Digitais para o ensino de Física pelo Instituto de Física da UFF.

Sonia gosta de transmitir o que faz, seu trabalho com escrita criativa e produtos editoriais. Sua obra compreende dezenas de livros de ficção — entre eles, romances, contos, adaptações e atualizações de autores como Homero, Sófocles e Shakespeare — e a prática de roteiro de telenovela, séries e documentários. Organizou o livro *Nelson Rodrigues por ele mesmo* (2012), baseado em entrevistas que seu pai, o consagrado dramaturgo Nelson Rodrigues, deu a jornais, revistas, ao Serviço Nacional de Teatro e ao Museu de Imagem e do Som. Esse livro foi adaptado e dirigido pela dama do teatro brasileiro, Fernanda Montenegro, em um espetáculo homônimo.

Sonia é consultora da Globo Filmes, na leitura e na análise de roteiros de longa-metragem. Com essa atividade, tem adquirido experiência na área de audiovisual. É idealizadora e coordenadora da Oficina Literária Autoria no portal do Projeto Telemar Educação.

A ILUSTRADORA

Nascida na cidade de Santos, Simone Matias descobriu a ilustração infantil em um intercâmbio nos Estados Unidos no ano 2000. Como babá de três crianças, ela lia muito para elas. Ilustrou a primeira história em 2006 e já conta com mais de 60 livros publicados. Estudou ilustração nas oficinas da Scuola Internazionale d'Illustrazione, em Sàrmede, Itália (2006). Participou de cursos de Ilustração de Livros e Imagem Narrativa, com os artistas Odilon Moraes e Fernando Vilela no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo (2005). Cursou História da Arte e Apreciação Estética na Pinacoteca de Santos/SP (2010 a 2012). Fez o *workshop* de desenho e pintura — modelo vivo na The Florence Academy of Art, em Nova Jersey, Estados Unidos (2017).

Em 2015, o livro *Tatu-Balão*, de Sonia Barros, ilustrado por Simone Matias, foi selecionado pelo *Projeto leia para uma criança*, do Itaú Cultural. Em 2016, o Selo Distinção Cátedra 10 foi concedido pela Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio para ilustrações e texto do livro *João, Joãozinho, Joãozito, o menino encantado*, de Cláudio Fragata, ilustrado por Simone. Você pode acessar o site da ilustradora, com ilustrações, processos e boas informações: <https://www.simonematias.com.br/>

O GÊNERO

Um conto é a história narrada em prosa, ou seja, o texto disposto em parágrafos, períodos, orações e frases. Há o uso de pontuação, de acordo com as pausas e as interrupções do texto. Apresenta um título que condensa a ideia da narrativa. E traz uma estrutura de início, meio e fim, embora isso, certas vezes, não esteja bem definido.

Aqui, em particular, isso está claro. Resumidamente: no início, o menino apresenta o cachorro e a si; no meio da história, a família se muda de casa; e, no final, chegam notícias de Trovão e a promessa de uma possível viagem para visitá-lo.

Um conto pode trazer a narrativa em 1ª, 2ª ou 3ª pessoas. A narração pode ser feita por um narrador externo ou por um personagem que participa das ações. Em **Meu amigo Trovão**, o menino é, ao mesmo tempo, narrador e personagem. Há contos com personagens humanas, animais e até objetos e entidades. Aqui, aparecem os humanos e o cachorro.

Um conto costuma ser uma história curta, sem capítulos, nem divisões, com questões pontuais que são desenvolvidas ao longo do tecido narrativo. Exatamente como percebemos na história de Trovão.

O PAPEL DA LITERATURA E A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA

Na literatura para a infância, os livros ilustrados ocupam um papel da maior importância porque é uma possibilidade de entretenimento, de expansão das capacidades interpretativas e criativas da criança. Ao se deparar com textos e ilustrações, num encontro casado de duas linguagens que estão conectadas e alinhadas contando uma história, a criança se realiza. Ela estende para o livro a sua necessidade de distração, de brincadeira, de investigação.

As crianças, como pequenos cientistas, buscam, nos objetos culturais,



fazer experimentações e realizar seus sonhos. Bem cedo, elas se apegam a um só ou a vários brinquedos e aos pequenos animais criados em casa. Isso é muito saudável, como acontece em **Meu amigo Trovão**.

Ao trazer uma história que envolve a família, os cuidados com um animal de estimação, podemos nos lembrar da relevância do brincar na vida das crianças. Sendo uma história contada pela criança, ela abre margem para se pensar na importância da leitura literária, das narrativas e da reprodução de histórias pelos pequenos leitores. Ao ler, interpretar e recontar uma obra lida, a criança se apropria do lido, que passa a fazer parte da sua experiência de vida.

Poder falar de sua vida, nomear pessoas, seres, coisas, sentimentos é ter autonomia sobre as palavras, e isso percebemos na história lida. Ao contar nossa história, somos narradores. Quando lemos, permitimos que os cenários, as personagens, as ações e tudo o mais que se passa na história integre nossa vida. Sentimos como se cada personagem morasse na mesma casa. Ficamos com saudades, sentimos alegria, raiva e nutrimos, pelas personagens, sentimentos que elas nos provocam. Passamos a refletir sobre mundos que desconhecemos na vida real, ficamos íntimos de coisas que nos são estranhas. Esse poder da literatura, de nos afetar, nos nutre e nos provoca um pensar a história ou a poesia que lemos vinculada à nossa vida.

Para a criança, as obras literárias são boas companhias, que vão lhes proporcionar sensações, curiosidades e reflexões sobre os mais variados temas e assuntos. Os valores universais e atemporais costumam estar presentes nas obras literárias, por isso, livros publicados no Brasil ou em outros países, há centenas de anos, mexem com nosso humor.

A literatura é uma expressão de arte que abre possibilidades para cada leitor se identificar a seu modo. Não há apenas uma leitura, os textos não são lineares nem as ilustrações fecham possibilidades interpretativas. A literatura vai usufruir da polissemia, uma palavra ou expressão pode dizer muitas coisas. A literatura é muito democrática ao possibilitar diferentes interpretações a partir da experiência lida.

Esta obra está alinhada com as propostas e orientações dos documentos normativos da educação brasileira para o Ensino Fundamental I: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Política Nacional de Alfabetização (PNA). A **literacia**, a **literacia familiar** e a **numeracia** poderão ser trabalhadas a partir de algumas atividades sugeridas e com seu conhecimento e sua sensibilidade, caro professor.

2. PROPOSTAS DE ATIVIDADES EM SALA DE AULA

BNCC

O **Eixo Leitura** compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação (...) Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais.

Reparou, professor, que a leitura no contexto da BNCC vai além do texto verbal? Inclui, também, as imagens, ilustrações e o projeto gráfico... Por isso, toda a produção feita por vocês a partir de uma obra literária (textos, vídeos, slides, áudios...) será considerada leitura.

BNCC

A participação dos estudantes em atividades de leitura com demandas crescentes possibilita uma ampliação de repertório de experiências, práticas, gêneros e conhecimentos que podem ser acessados diante de novos textos, configurando-se como conhecimentos prévios em novas situações de leitura.



Ou seja, quanto mais textos, suportes, linguagens, gêneros literários forem desenvolvidos e apresentados aos alunos, mais repertório de leitura eles terão.



Durante a leitura, as habilidades operam de forma articulada. Dado o desenvolvimento de uma autonomia de leitura em termos de fluência e progressão, é difícil discretizar um grau ou mesmo uma habilidade, não existindo muitos pré-requisitos (a não ser em termos de conhecimentos prévios), pois os caminhos para a construção dos sentidos são diversos. O interesse por um tema pode ser tão grande que mobiliza para leituras mais desafiadoras, que, por mais que possam não contar com uma compreensão mais fina do texto, podem, em função de relações estabelecidas com conhecimentos ou leituras anteriores, possibilitar entendimentos parciais que respondam aos interesses/objetivos em pauta. O grau de envolvimento com uma personagem ou um universo ficcional, em função da leitura de livros e HQs anteriores, da vivência com filmes e games relacionados, da participação em comunidades de fãs etc., pode ser tamanho que encoraje a leitura de trechos de maior extensão e complexidade lexical ou sintática dos que os em geral lidos.

A partir da leitura deste conto sobre a relação de um menino com um cachorro, outras pesquisas, leituras e linguagens podem e devem ser apresentadas aos alunos. O tema, o personagem, o tipo de linguagem, o gênero do livro — tudo isso vai levar ao despertar de interesses e de curiosidades pelos alunos.

INTRODUÇÃO DAS ATIVIDADES

A leitura da obra **Meu amigo Trovão** vai abrir diferentes caminhos de leitura, de escrita, de interpretação, de fixação de vocabulário e de familiaridade com a língua, os sons, as grafias. Importante lembrar que vocês podem fazer atividades prévias à leitura, para preparar as crianças. Vão conhecer as autoras, o contexto da história. É como se vocês preparassem e adubassem um terreno. As crianças precisam se sentir motivadas para o mergulho literário. Não basta ter o livro em mãos, elas precisam ser incentivadas e atraídas para o conto: os conteúdos, os temas, a forma de escrita e de ilustrações.

Nas atividades de leitura propriamente dita, considere: a leitura em voz alta; a silenciosa; a leitura em diferentes vozes; e a sua leitura, professor, como condutora de um momento que é único para os alunos.

Depois de lido e comentado o livro, siga novos caminhos, busque outras obras, vídeos, pesquisas, passeios...

Um *podcast* feito pela turma poderia reunir diferentes gravações de leituras em voz alta. Depois, virarão áudios que serão escutados e comentados. Isso pode acontecer ao longo do processo da leitura e do trabalho com a obra: comecem na pré-leitura!

ATIVIDADES PRÉ-LEITURA

Para os estudantes

1. Peça que os alunos listem suas atividades de rotina na escola.

Eles podem fazer um trabalho coletivo: os alunos falam, alguns colegas anotam no quadro, com a ajuda do professor. Como o protagonista do conto é um garoto envolvido com seu dia a dia, isso vai preparar os alunos para a leitura.

Um *podcast* da turma poderia contar com um dos programas para esta atividade.

2. Peça que eles listem suas atividades de rotina em casa.

A partir dos itens listados, comparem os hábitos. Agrupem os semelhantes, destaquem os diferentes, como singularidades das crianças. Assim, podem ser feitas associações com o item anterior, comparando, tecendo comentários.

Um *podcast* da turma poderia contar com um dos programas para esta atividade.

3. Produzam juntos uma lista escrita. E que poderá ser lida, gravada, ilustrada, passada a limpo e lida de novo, ao estilo de uma reportagem: Quem tem cachorro na turma? Vamos listar suas raças e seus nomes? Como são tratados? Quem cuida deles? O que costumam comer e fazer?

Um *podcast* da turma poderia contar com um dos programas para esta atividade.

4. Então, produzam outra lista escrita. E que poderá ser lida, gravada, ilustrada, passada a limpo e lida de novo, ao estilo de uma reportagem. E pode ser estendida a colegas de outras turmas, a funcionários da escola: Quem tem outro animal de estimação, que não seja cachorro?

Vamos listar os tipos de animais e seus nomes? Exemplos: gato, peixe, coelho, porquinho-da-índia, porco, passarinho etc. Como são tratados? Quem cuida deles? O que costumam comer e fazer?

Um *podcast* da turma poderia contar com um dos programas para esta atividade.

5. Solicite aos alunos que pesquisem a vida e a obra de Sonia Rodrigues.

Eles podem usar livros, revistas e a internet. Anotem o que interessar à turma para fazerem um mural. Fica como uma reportagem do jornal da turma.

6. Peça aos alunos que pesquisem a vida e a obra de Simone Matias.

Na pesquisa podem ser usados livros, revistas e a internet. Anotem o que interessar à turma para fazerem um mural. Fica como uma reportagem do jornal da classe.

7. Faça, com eles, uma pesquisa sobre obras que retratam animais.

Podem ser livros de histórias, de poemas, cantigas etc. E, ainda, revistas, anúncios de produtos, embalagens. Recortem imagens, desenhos, palavras associadas aos animais. O que fazer com isso? Um grande painel com recortes, colagens, desenhos, escritas...

8. Pesquisem contos que mostram histórias de crianças.

Vamos ler e compartilhar em voz alta? Sugira que as crianças tragam as obras de casa (exercitando, assim, a **literacia familiar**). E vocês poderiam pesquisar acervos de bibliotecas.

9. Pesquisem um canil ou outro espaço que recolha animais na sua cidade.

Se não houver, será que alguém faz isso, de modo particular, em casa? Que tal entrevistarem alguém que trabalha com resgate ou cuidado de animais? Montem um roteiro: Quantos animais cabem no lugar? Quem cuida deles? Há adoções e como acontecem?

Compartilhem a entrevista na turma.

10. Pesquisem sobre as regiões brasileiras.

Quais são os estados que compõem a Região Nordeste? Por que esta região se chama Nordeste?

Exiba um mapa com os nomes dos estados e das capitais. Isso vale para quem mora no Nordeste e para quem não mora nem conhece.

Para os professores

1. Pesquise um roteiro ou obra de Sonia Rodrigues para adultos. Quem sabe você vai se animar a ler e trocar impressões com seus colegas?

ATIVIDADES DURANTE A LEITURA

Para os estudantes

1. Leia em voz alta para as crianças, com sua entonação. Importante executar a leitura em voz alta, para os estudantes perceberem seu ritmo, suas pausas. Quanto mais se lê, mais se aprimora a leitura!

Você pode dividir a leitura em diferentes dias. E pode repetir e fazer perguntas aos alunos.

2. Introduza algumas perguntas facilitadoras da compreensão da leitura:

Quem era Trovão? Como ele era? Como era o dono do Trovão? Onde eles moravam? O que aconteceu de novidade? Foi bom? Como cada estudante se sentiria se fosse o Trovão? E se fosse o menino, dono do Trovão? Como foi resolvida a situação da mudança? Com quem Trovão ficou?

Pergunte para diferentes estudantes, alternando. Dê voz às crianças.

3. Promova uma leitura em silêncio, em casa ou na turma.

As crianças podem destacar trechos que queiram compartilhar com os colegas. Aqui, elas deverão selecionar o que quiserem para destaque ou para elucidar dúvidas.

4. Façam uma leitura coletiva, cada criança pode ler um trecho em voz alta.

Você pode dividir os parágrafos, por exemplo. Outras possibilidades: metade da turma lê até a mudança. E a outra metade, lê depois da mudança.

5. Leiam este trecho para uma reflexão:

“O caso é que eu gosto de ter cachorro, mas não tenho tempo de cuidar dele. Tem a escola, dever de casa, desenho animado, revistinha pra ler, jogar bola com os amigos. Na verdade, sou um garoto muito ocupado. [...]” (página 7)

Vamos conversar sobre ser ocupado/a? Como os alunos entendem isso? Eles se sentem ocupados? E você, professor? O que teria a dizer a seus estudantes sobre suas ocupações? O mais legal da literatura é essa conversa que estabelecemos com nossa própria vida. A gente lê e tem vontade de pensar e de conversar sobre os temas e abordagens.

6. Conversem sobre o nome do cachorro ser Trovão.

Algo enorme, estrondoso. E, na verdade, o cão era pequeno. Repare que há uma ambiguidade, elemento importante da literatura, a ser introduzido e conversado com as crianças.

7. O que seria ser “pé-duro”? Isso foi mencionado na história. Essa explicação faz sentido para você? E para os alunos? Vamos pesquisar mais?

8. O que o dono do Trovão ensinou ao cachorro?

Vamos listar? E o que os alunos que têm cachorro ensinam ao pet? E as famílias? Tentem ampliar a leitura e a pesquisa. Isso pode ser escrito, ilustrado, e ainda transformar a pesquisa em um programa do *podcast* da turma.



9. Quais as coisas que o Trovão aprendeu em excesso?

Vamos listar? E os alunos que têm cachorro reconhecem que ensinaram algo em excesso a ele? E as famílias? Tentem ampliar a leitura e a pesquisa. Isso pode ser escrito, ilustrado e vocês ainda podem transformar a pesquisa em um programa do *podcast* da turma.

Para os professores

1. Você se sente ocupado, como o personagem da história?

Tente escrever, para você, suas atribuições do dia a dia e reflita sobre isso. É um momento seu, que vai te ajudar a conversar sobre isso com os alunos.

2. Você já precisou mudar de casa na sua vida?

Como foi sua mudança? Quais as perdas? Quais os ganhos? Reflita sobre isso e leve essa discussão para seus alunos.

3. Se alguém pedisse a você que ficasse com um cão, como o Trovão, você ficaria cuidando dele? Como? Em que condições? E por quê? Reflita sobre isso.

ATIVIDADES PÓS-LEITURA

Para os estudantes

1. Pesquisem expressões com a palavra pé.

Na história, aparece “pé-duro”. O que mais vocês poderiam listar? Pense na polissemia de cada expressão, ou seja, uma mesma expressão pode significar duas ou mais coisas diferentes. Logo, a leitura não será ao “pé da letra”, isso é, literal. Vamos criar definições, primeiro, oralmente; depois, por escrito e com desenhos. Alguns exemplos: pé de meia, pé de vento, pé de cabra, pé de galinha, pé de pato, arrear o pé, bater o pé, colocar o pé na estrada, ao pé do ouvido, pé de barba, chegar aos pés, pé de guerra etc.

2. Pesquisem livros da autora Sonia Rodrigues e leiam com as crianças.

Vamos descobrir o que poderia ter na biblioteca escolar? Ou algum colega professor? E na biblioteca do bairro ou comunitária? Na pública? Hora de ler, compartilhar, debater, refletir sobre as leituras.

3. Pesquisem livros da ilustradora Simone Matias e leiam com as crianças.

Vamos descobrir o que poderia ter na biblioteca escolar? Ou algum colega professor? E na biblioteca do bairro ou comunitária? E na pública? Simone Matias tem um blog, vamos visitá-lo com os alunos (<https://www.simonematias.com.br/blog>)? Hora de ler, compartilhar, debater, refletir sobre as leituras.

4. Pesquisem mitos sobre o Trovão como um deus, como um guerreiro.

Vocês podem pesquisar em livros, vídeos, revistas. Na mitologia nórdica, Thor é o deus do trovão. Na mitologia grega, Zeus é considerado deus do trovão. Na mitologia latina, Júpiter é o deus do trovão. Na mitologia iorubá, Xangô é considerado o deus do trovão. Ampliem a pesquisa para leituras, resumos, desenhos, recontos. E ainda gravem áudios para o *podcast* da turma.

5. Pesquisem Tupã, nas mitologias indígenas brasileiras.

Tupã, em tupi, quer dizer trovão. Busquem livros, mapas, vídeos, filmes... Montem uma exposição sobre Tupã em diferentes suportes impressos e digitais.

6. Pesquisem mais sobre estas palavras e expressões que aparecem no texto: buliçoso, resmungos, brabos, bicho de estimação, atinar, chorei um bocado, depenou uma galinha. Criem definições com ilustrações dos alunos. E vocês ainda podem gravar áudios para o *podcast* da turma.

7. Criem frases, pequenas falas e pequenos textos com as palavras e expressões mencionadas no item anterior.

E novos desenhos e gravações em áudio para o *podcast* da turma. Vamos ouvir a voz de diferentes alunos.

8. Observem as ilustrações das páginas 5, 6, 8, 11, 13, 14, 17, 18, 21, 23.

Repararam que aparecem sem texto? O que os alunos têm a dizer sobre elas? Escolham uma ou mais e peça para eles criarem textos, pequenos contos com inspiração livre.

Depois, vocês poderiam montar um mural com os contos ou um livro artesanal da turma.



9. Sugira que eles ilustrem os contos escritos a partir das ilustrações avulsas mencionadas no item anterior.

As produções podem ser expostas em mural e integrar um livro artesanal da turma.

10. Pesquisem, a partir da ilustração da página 6, quem gosta de jogar bola na turma. Que jogos eles conhecem?

Exemplos: futebol, frescobol, vôlei, queimado, pingue-pongue, sinuca, futsal etc.

Vamos jogar com toda a turma? Montem dois times, escolham o tipo de jogo, e tenham uma ótima partida!

11. Criem *fanfics* com o Trovão. As *fanfics* são narrativas curtas inspiradas em uma personagem famosa. Aqui, o Trovão será o foco para os textos.

12. Criem tuítes, narrativas curtinhas inspiradas no *Twitter*, para anúncios e comunicados de coisas da turma: coisas que queiram doar; coisas que precisam reivindicar; comunicados sobre a organização e o funcionamento da sala e da turma e outras notas.

Publiquem os tuítes pelos murais da escola.

13. Pesquisem novos nomes para o cachorro da história.

A partir de percepções individuais, cada aluno vai inventar um novo nome para o cão. Isso poderá vir em lista e ser gravado num áudio da turma.

14. Façam colagens com papéis coloridos.

Decorem a sala inspirada nas festas de junho do Nordeste brasileiro e outras festas populares. Uma boa atividade com recortes de papéis coloridos daria para remontar uma ilustração que caracteriza os estados da Região Nordeste, como na história. Cortem em diferentes formas geométricas: losangos, triângulos, círculos, quadrados. Cores, formas e tamanhos diversificados favorecem a prática da **numeracia**, de reconhecimento das quantidades.

15. Vamos dramatizar a história com lenços coloridos?

Montem um roteiro, consigam um cachorro de pelúcia, ensaiem e marquem o espetáculo.

16. Vamos criar o *rap* do Trovão?

Façam o texto, coloquem um fundo de *beat* e se permitam descontraírem, criar, ritmar, brincar com palavras, sons, ritmos.

Para os professores

1. Hora de refletir sobre a vida numa cidade pequena e numa cidade grande.

Quais os prós? Quais os contras? Reflita consigo, compartilhe com seus colegas e com seus alunos.

2. Você já leu sobre mitologias que abordam o trovão como um deus? Mergulhe nessa pesquisa!
3. O que poderia ser mudado na sua rotina de sala de aula? Aproveite o clima de uma história que fala sobre mudança e mãos à obra!

PARA ALÉM DO LIVRO

Vocês podem ir muito além de todas as atividades pré, durante e pós-leitura. Envolve as famílias, pratiquem a literacia familiar!

Para os estudantes

1. Leiam a obra *Os colegas*, de Lygia Bojunga, Editora Casa Lygia Bojunga.
Traz as aventuras de uma turma de amigos: três cachorros, um urso e um coelho. Eles vão criar, buscar formas de sobrevivência e também se divertir juntos.
2. Leiam a fábula “O cachorro e seu reflexo”, de Esopo.
Como a obra desse escritor de origem grega está em domínio público, ou seja, é publicada por diferentes editoras, pesquisem bastante! É a história de um cachorro que carregava um pedaço de carne à boca e vê a sua imagem refletida no riacho, ao atravessar uma ponte.
3. Leiam a obra *Fábulas de Esopo*, adaptação de Guilherme Figueiredo. Editora Nova Fronteira.
Poderão ler fábulas escolhidas pelos estudantes e/ou pelos professores, de acordo com a proposta desejada. Este conjunto de dezenas de fábulas é um material literário oportuno para se trabalhar a prosa. Aqui, diferentemente de **Meu amigo Trovão**, apresenta um outro gênero literário. É uma narrativa de natureza tão antiga, mas com abordagens bem contemporâneas. As histórias possibilitam explorar temas e valores atuais de todos os tempos.
4. Pesquisem filmes com personagens cachorros.
5. Pesquisem canções que falam de animais.
6. Que tal visitarem um zoológico? Ou um viveiro de aves? Ou um canil público? Um lago de patos? Um local onde possam ver animais? Registrem com fotos e vídeos.
7. Escrevam uma carta a um/a amigo/a distante.
Peça aos alunos que elaborem uma carta de próprio punho para um amigo que more em outra cidade. Permita que eles inventem um nome para o amigo. O texto

deve ter: data e local; apresentação (Caro amigo, Querida amiga); o relato da carta; a despedida (Um grande abraço, Com gratidão...); o envelope deve conter os nomes do destinatário (e o endereço de quem vai receber a carta) e do remetente (e o endereço de quem está escrevendo e enviando).

Para os professores:

1. Leia um livro sobre a amizade de uma pessoa com um cachorro. Repare nos sentimentos, nas trocas...

Sugerimos o livro de Walcyr Carrasco: *Anjo de quatro patas, a verdadeira amizade entre um homem e seu cachorro*, Editora Moderna.



3. A LEITURA DO LIVRO SOB A PERSPECTIVA DA LITERACIA

A compreensão de leitura é um processo complexo que envolve múltiplas habilidades. Uma teoria clássica, que tenta explicar de forma didática a complexidade do processo de compreensão leitora, é chamada **Teoria Simples de Leitura** e foi apresentada por dois autores Gough e Tunmer (1986). Os teóricos propõem que a compreensão de leitura requer duas habilidades básicas: reconhecer as palavras e a compreensão linguística ou oral. Estes dois componentes são habilidades necessárias para se compreender a leitura. A falha num componente causará dificuldades na compreensão leitora.

A **Teoria Simples** levou a desdobramentos e modelos que clarificaram seus componentes de formas mais específicas. Perfetti e seus colaboradores destacaram a importância de se reconhecer as palavras durante a leitura. Os autores apontam que, quando lemos as frases em um texto, uma quantidade de informação que está sendo lida fica armazenada em nossa memória de curto prazo. Quanto mais rápida e eficientemente reconhecemos as palavras do texto, maior a quantidade de palavras da frase ficarão armazenadas em nossa memória de trabalho e, concomitantemente, o processamento sintático-semântico das palavras nas frases poderá ocorrer com mais eficiência, trazendo sentido ao texto (Perfetti, Landi & Oakhill, 2005; Perfetti & Stafura, 2014).

Assim, uma boa compreensão de leitura requer que reconheçamos as palavras que estão no texto de forma rápida e automatizada. Esse reconhecimento eficiente garante que haverá espaço de processamento para outros aspectos necessários à compreensão, como a articulação das informações lidas com o conhecimento de mundo e a realização de processos de inferências que ocorrem simultaneamente, garantindo a compreensão.

Quando o leitor se depara com palavras que ele não conhece, haverá dificuldades na compreensão do texto. Isso porque a integração do texto começa a ficar prejudicada. Será preciso interromper o processo de leitura para buscar estratégias para o texto fazer sentido. É preciso garantir que as etapas de processamento ocorram sem interrupção.

O vocabulário é, portanto, parte fundamental da compreensão de leitura. Vários estudos apontam para sua importância. No Brasil, Kruszielski e Guimarães (2020) consideraram que o vocabulário estava entre as variáveis que melhor prediziam o desempenho dos estudantes de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. Na Colômbia, Escoria e Estrada (2016) mostraram que grande parte dos adolescentes se desinteressam pelos textos quando estes são extensos ou têm vocabulário que os jovens

leitores desconhecem. Alguns relataram usar estratégias para tentar entender o texto, porém sem sucesso.

Por essas razões, há um movimento entre educadores para propor maior reflexão sobre as práticas de ensino da compreensão de texto. Sim Sim (2007), por exemplo, ao discutir as táticas que devem ser usadas para orientar educadores no ensino da compreensão de leitura, destaca a importância de se apresentar os vocábulos novos que estão no texto para motivar as crianças durante a leitura.

Ainda considerando a necessidade de se conhecer as palavras do texto, retomamos o modelo de Perfetti e Stafura (2014), já citado. De acordo com esse modelo, a morfologia pode contribuir para a compreensão de leitura, facilitando a leitura de palavras. **Morfemas** são as menores unidades de significado das palavras. Há muitas evidências de que as crianças que refletem sobre os morfemas são melhores na leitura de palavras e na compreensão de leitura (Freitas Jr, Mota & Deacon, 2018; Levesque, Deacon & Breadmore, 2020; Levesque, Kieffer & Deacon, 2017; Mota, Annibal & Lima, 2008; Mota, 2012; Muller & Brady, 2001; Rispens, McBride-Chang & Reitsma, 2008). Uma explicação para esse efeito facilitador é que, ao analisar as palavras em unidades de significado previamente conhecidas, as crianças podem inferir o significado de palavras não conhecidas. Por exemplo, a criança que nunca leu a palavra “açucareiro” pode chegar ao significado dessa palavra se conhecer os “pedaços” da palavra que têm significado próprio — “açúcar” e “eiro”.

Além de ajudar na leitura, a consciência morfológica contribui para o desempenho ortográfico (Mota, Annibal & Lima, 2008; Mota & Freitas Jr., 2014; Nagy, Berninger & Abbot, 2006). Um dos principais desafios das crianças na escola, na medida em que avançam na escolarização, é o conhecimento ortográfico (Morais, 2009). Dizemos que os morfemas têm estabilidade ortográfica. Isto é, são escritos da mesma maneira em palavras diferentes. Palavras que têm a mesma origem, como **açúcar**, **açucarado**, **açucar**eiro mantêm a grafia, porque fazem parte da mesma “família de palavras” (Nunes & Bryant, 2014). No que tange ao desenvolvimento da escrita de palavras, a consciência morfológica pode ajudar o indivíduo a refletir sobre a escrita das palavras a partir dessas unidades de significado. Conhecendo palavras simples (primitivas), pode-se chegar à escrita de palavras complexas (derivadas e flexionadas), porque o escritor pode generalizar o conhecimento de uma palavra conhecida e aplicar em palavras novas (Mota, 2012). Quando temos palavras ambíguas, isso pode ser particularmente importante. Vejam as palavras: “açucareiro”, “laranjeira” ou “beleza”, que podem ser escritas pelas regras de correspondência entre letra e som do português com diferentes grafias (“assucareiro”; “larangeira” ou “belesa”).

A BNCC (Brasil, 2018), ao tratar a língua portuguesa no Ensino Fundamental, introduz um eixo de práticas de análise linguística/semiótica. Esse eixo envolve conhecimentos linguísticos sobre o sistema de escrita e o sistema da língua, que engloba o conhecimento morfofossintático. Considerando que o documento reitera que estudos de natureza teórica e metalinguística sobre a língua devem estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua em leitura e em produção de textos é que o uso de livros infantis se torna um recurso rico de trabalho na escola.

O livro **Meu amigo Trovão** é propício para o trabalho de desenvolvimento da consciência morfológica e sua relação com a compreensão de palavras e ortografia. Além disto, é um texto propício também para se trabalhar a variação linguística na escola, uma das questões trazidas na BNCC. O livro discute as diferenças entre a vida urbana e a vida rural, podendo este ser tema motivador para se tratar diferentes formas de se expressar nas regiões em que vivemos.

A BNCC propõe, ainda, que o desenvolvimento da linguagem seja usado para que a criança aprenda a defender diferentes pontos de vista que respeitem a diversidade e promovam a consciência socioambiental, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo. Como já foi mostrado, **Meu amigo Trovão** é uma história que trata de temas que tangenciam todas essas questões, sendo uma leitura recomendável ao ambiente de literacia familiar ou da escola.

A leitura de livros deve ser, em primeiro lugar, uma atividade lúdica, de prazer, um momento de diversão, mas como podemos revisar, ela oferece uma ampla oportunidade para pais e educadores desenvolverem habilidades fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança.

A dramatização das histórias pode tornar a leitura mais interessante. Utilizar vozes diferentes para cada personagem, como fazemos com o lobo no conto da Chapeuzinho Vermelho, ou fazer os barulhos dos eventos, como o sopro do lobo em “Os Três Porquinhos”. E que tal usar as expressões dos personagens? Os *audiobooks* nos dão uma pista sobre como é importante enfatizar a pontuação e variar as vozes dos personagens para tornar as histórias mais interessantes. Mesmo no caso de crianças mais velhas, a leitura dramatizada é um ponto importante no processo de compreensão leitora.

Essas técnicas ajudam a criança a manter a atenção no livro. É importante ter paciência para as interrupções das crianças e responder as perguntas com calma. A expansão da linguagem da criança é um aspecto fundamental de seu desenvolvimento cognitivo.

4. BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BATISTA, J. & MOTA, M. M. P.E. (no prelo). "A leitura compartilhada entre pais e filhos afeta o desenvolvimento da literacia emergente?". *Temas de Psicologia*.

Esse artigo científico discute o efeito da forma como pais contam histórias para seus filhos no desenvolvimento da consciência fonológica e no vocabulário.

FERNANDES, Fernanda. "O papel da imagem na literatura infantil". *MultiRio*, abr. 2019. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14899-o-papel-da-imagem-na-literatura-infantil>>. Acesso em outubro de 2021.

Uma boa leitura sobre ilustração, essa linguagem tão necessária nos livros para crianças.

A Empresa Municipal de Multimeios da Prefeitura do Rio de Janeiro (MultiRio) tem uma excelente plataforma com reportagens, entrevistas e matérias sobre temas, autores, artistas, livros para os professores.

CARROLL, Lewis. *Alice*: edição comentada. Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Aventuras de Alice no País das Maravilhas é uma novela escrita em 12 capítulos, que traz as peripécias e aventuras dessa menina em um reino encantado, com coisas absurdas, outras oníricas, outras parecidas com a sua vida.

Um dos mais importantes livros da história da literatura infantil no mundo, esta novela para crianças é contada pela personagem Alice, uma criança em idade escolar. A obra foi adaptada para o cinema, a televisão e o teatro.

FERENCZI, Sándor. "Confusão de língua entre os adultos e a criança". In: *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Original publicado em 1933).

Para Ferenczi, a relação adulto-criança é marcada por uma confusão decorrente de uma diferença de línguas, de forma que, muitas vezes, um não entende o outro. Nesse contexto, é possível a emergência de traumas que marcam a vida da criança para sempre. O princípio de hospitalidade na clínica analítica é de suma importância para se evitar uma possível reprodução do trauma entre o analista e o analisando. Podemos fazer uma analogia com essa proposta de Ferenczi e instaurar a hospitalidade literária em que nós, adultos, somos mediadores tanto na escrita produzida para a infância, quanto nas leituras que mediamos.

FREITAS JR., P. V.; MOTA, M. M. P. E. & DEACON, S. H. "Morphological awareness, word, reading, and reading comprehension in Portuguese". *Applied Psycholinguistics*, 39(1), 1-19, 2018.

Apresenta um estudo empírico que mostra que a consciência morfológica contribui para leitura de palavras e compreensão de leitura no português.

GIASSON, J. A. *Compreensão na leitura*. Tradução de Maria José Frias. Portugal: Edições ASA, 1993.

Apresenta os processos envolvidos na compreensão de leitura e as implicações para sala de aula.

GOUGH, P. B. & TUNMER, W. E. "Decoding, reading, and reading disability". *Remedial and special education*, 7(1), 6–10, 1986. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/074193258600700104>>. Acesso em outubro de 2021.

Descreve o modelo simples de compreensão de leitura – reconhecimento de palavra e compreensão linguística como elementos básicos e fundamentais para compreensão.

LEVESQUE, K.; BREADMORE, H. & DEACON, S. H. "How morphology impacts reading and spelling: Advancing the role of morphology in models of literacy development". *Journal of Research in Reading*, 44(1), 10-26, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-9817.12313>. Acesso em outubro de 2021.

Descreve modelos cognitivos de compreensão de leitura.

LEVESQUE, K. C.; KIEFFER, M. J. & DEACON, S. H. "Morphological awareness and reading comprehension: Examining mediating factors". *Journal of Experimental Child Psychology*, 160, 1–20, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2017.02.015>. Acesso em outubro de 2021.

Apresenta um estudo empírico que estabelece as habilidades mediadoras entre a consciência morfológica e a compreensão de leitura.

MOTA, M. M. P. E. "Explorando a relação entre a consciência morfológica, processamento cognitivo e o desempenho na escrita". *Estudos de Psicologia-Campinas*, 29 (1), 97-102, 2012.

Apresenta um estudo empírico que mostra que a consciência morfológica contribui para escrita no português.

MOTA, M. M. P. E. "Home Literacy e alfabetização: uma revisão sistemática da literatura". *Psicologia Argumento*, v. 32, n. 78, pp. 109-115, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7213/psicol.argum.32.078.AO06>. Acesso em outubro de 2021.

Apresenta uma revisão de texto que mostra a importância da Literacia familiar (*Home Literacy*) para aquisição da leitura e escrita em várias culturas.

MOTA, M. M. P. E.; ANNIBAL, L. & LIMA, S. "A morfologia derivacional contribui para a leitura e escrita no português?" *Psicologia reflexão e crítica*, 21(2), 311-318, 2008.

Apresenta um estudo empírico que mostra que a consciência morfológica contribui para leitura de palavras e compreensão de leitura e escrita no português.

MOTA, M. M. P. E. & FREITAS, P. V. Jr. "Há contribuições diferentes da morfologia derivacional e flexional para a escrita?" *Psicologia em Pesquisa*, 8(2), 144-149, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1982-12472014000200003. Acesso em outubro de 2021.

Apresenta um estudo empírico que mostra que a consciência morfológica derivacional e flexional contribui para escrita no português.

MORAIS, A. *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Ática, 2009.

Discute o ensino da ortografia no Ensino Fundamental. Apresenta várias atividades práticas de fácil realização no contexto da sala de aula.

MÜLLER, K. & BRADY, S. "Correlates of early reading performance in transparent orthography". *Reading and Writing: an Interdisciplinary Journal*, v. 14, 757-799, 2001.

Apresenta dados empíricos que mostram que a consciência morfológica contribui para leitura em ortografias transparentes.

NAGY, W. "Metalinguistic awareness and the vocabulary-comprehension connection". In: WAGNER, R. K.; MUSE, A. & TANNENBAUM, K. (Eds.). *Vocabulary development and its implication for reading comprehension*. New York: Guilford Press, 2007, pp. 52-77.

Discute a relação entre habilidades metalinguísticas, vocabulário e leitura.

NUNES, T. & BRYANT, P. *Leitura e ortografia - além dos primeiros passos*. Porto Alegre: Editora Penso, 2014.

Discute o ensino da ortografia no Ensino Fundamental com foco na consciência morfológica.

PARREIRAS, Ninfa. *O brincar na literatura infantil: uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Biruta, 2008.

Fruto de sua dissertação de mestrado, aqui a autora reflete sobre a infância, o brincar, a literatura infantil, a linguagem das ilustrações por meio de análises

de obras literárias. O que caracterizaria a literatura para a infância? Diferentes autores e livros são estudados no intuito de se entender essa produção literária que é lida tanto por crianças quanto por adultos. A psicanálise serve de referencial teórico e a subjetividade é o mote para se chegar às infâncias e às criações.

PERFETTI, C. A.; LANDI, N. & OAKHILL, J. "The Acquisition of Reading Comprehension Skill". In: SNOWLING, M. J. & HULME, C. (Eds.). *Blackwell Handbooks of Developmental Psychology. The Science of Reading: A Handbook*, pp. 227–247, Jan. 2005. Blackwell Publishing. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9780470757642.ch13>. Acesso em outubro de 2021.

Descreve modelos cognitivos de compreensão de leitura com foco na importância da decodificação.

PERFETTI, C. A. & STAFURA, J. "Word Knowledge in a Theory of Reading Comprehension". *Scientific Studies of Reading*, v. 18, n. 1, pp. 22–37, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10888438.2013.827687>. Acesso em outubro de 2021.

Descreve modelos cognitivos de compreensão de leitura.

RISPENS, J.; MCBRIDE-CHANG, C. & REITSMA, P. "Morphological awareness and early and advanced word recognition and spelling in Dutch" *Reading and Writing: an Interdisciplinary Journal*, 21, 587-607, 2008.

Apresenta um estudo empírico que mostra que a consciência morfológica contribui para escrita em Holandês.

SIM SIM, I. *O ensino da leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, 2007.

Trata de um texto que faz a ponte entre as teorias cognitivas sobre a compreensão de leitura e a prática pedagógica.

VAN DER LINDEN, S. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

A estudiosa Sophie van der Linden discute aqui a ideia de livro ilustrado. É justamente o tipo de livro de **Meu amigo Trovão**, em que texto e ilustração têm peso nas linguagens apresentadas à infância. Sophie parte de uma relação entre a página branca do livro, o texto e a imagem. Com mais de 300 obras analisadas e cerca de 600 imagens, a pesquisadora exemplifica e classifica os tipos de livros publicados para a infância. Ela os compara com outras produções, como o livro de imagem e o livro com ilustração. Os dois tipos são diferentes do livro ilustrado – o que reúne texto e imagem casados a tal ponto que não podem ser separados.

ZILBERMAN, Regina. "Quando fala a ilustração". In: *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

A professora gaúcha Regina Zilberman é considerada uma das mais destacadas estudiosas da literatura infantil e juvenil no Brasil. Ela apresenta, aqui, um estudo das ilustrações dos livros infantis. Professora de literatura infantil e juvenil em diferentes universidades, pesquisadora, consultora na área literária, ela discute a linguagem da ilustração em um capítulo específico. Em outros capítulos, ela analisa e comenta obras e autores consagrados desse universo.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em outubro de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA – Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC, SEALF, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. Acesso em outubro de 2021.

ESCORIA, M. M. M. & ESTRADA, I. C. D. F. G. "Estrategias para el proceso de comprensión lectora en estudiantes de educación media: El fin: la autoevaluación". *Revista Boletín Redipe*, v. 5, n. 2, pp. 44-54, 2016.

KRUSZIELSKI, L. & GUIMARÃES, S. R. K. "Habilidades predictoras da compreensão leitora de diferentes gêneros textuais". *Psicologia Argumento*, v. 38, n. 102, pp. 7171-734, out./dez. 2020.

NAGY, W.; BERNINGER, V. & ABBOTT, R. "Contributions of Morphology beyond Phonology to Literacy Outcomes of Upper Elementary and Middle School Students". *Journal of Educational Psychology*, 98, pp. 134-147, 2006.



6. SOBRE AS RESPONSÁVEIS PELO MATERIAL

Ninfa Parreiras

Carta ao professor/Propostas de atividades em sala de aula

Nascida em Itaúna (MG), mora no Rio de Janeiro (RJ), onde trabalha em diferentes áreas com a palavra e os sentimentos: a literatura e a psicanálise. Mestre em Literatura Comparada (USP) e graduada em letras e psicologia (PUC-Rio), participou de cursos de especialização em literatura infantil e juvenil (RJ e SP). Foi pesquisadora da Biblioteca Internacional da Juventude de Munique, Alemanha, com pesquisa sobre o desamparo na literatura. Desenvolve pesquisas literárias e trabalha com uma clínica de atendimentos em psicanálise. É membro titular da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID). Trabalha como professora de literatura e de criação literária (oficinas), consultora literária, editora de livros, produtora cultural, escritora e psicanalista.

Atualmente, presta serviços para as instituições Centro Educacional Anísio Teixeira (CEAT), Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Instituto de Leitura Quindim, Instituto Estação das Letras (IEL), Instituto Mpumalanga.

Márcia Mota

A leitura do livro sob a perspectiva da literacia

Psicóloga, Márcia fez mestrado na Universidade de Reading e doutorado na Universidade Oxford, ambas na Inglaterra, onde começou seu interesse científico sobre o papel das habilidades metalinguísticas e alfabetização. O interesse pela leitura, no entanto, começou na infância, com as histórias contadas pela avó Dulce.

Professora associada da Universidade Federal de Juiz de Fora, ela fundou o Projeto Lendo no Campus que visava desenvolver o gosto pela leitura de crianças que frequentavam o projeto de extensão Domingo no Campus, cuja finalidade era oferecer oficinas para a população do entorno da universidade. Hoje, é professora associada do Programa em Psicologia Social da Uerj e Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira. Nesses programas orientou dezenas de teses e dissertações que investigam o desenvolvimento da literacia emergente, da literacia familiar e do desenvolvimento da compreensão de leitura. Além disso, Márcia coordena o Laboratório de Estudos do Desenvolvimento Humano da Uerj, é bolsista de produtividade nível 2 do CNPq e Cientista do Nosso Estado pela Faperj.